



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE-UFCG**

**CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES-CFP**

**ESPECIALIZAÇÃO EM ESTUDOS LITERÁRIOS**

**DOCENTE: EMANUELLA PEREIRA DE SOUZA**

**A AMBIÇÃO EM LADY MACBETH: UM PERCURSO PERSUASIVO DE  
PODER E DESEQUILÍBRIO**

**CAJAZEIRAS-PB**

**2016**

**EMANUELLA PEREIRA DE SOUZA**

**A AMBIÇÃO EM LADY MACBETH: UM PERCURSO PERSUASIVO DE  
PODER E DESEQUILÍBRIO**

Monografia apresentada como requisito para obtenção do Título de Especialista em Estudos Literários pelo Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, sob a orientação do Professor Dr. Elri Bandeira de Sousa.

**CAJAZEIRAS-PB**

**2016**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)  
Denize Santos Saraiva - Bibliotecária CRB/15-1096  
Cajazeiras - Paraíba

S729a Souza, Emanuella Pereira de  
A ambição em Lady Macbeth: um percurso persuasivo de poder e  
desequilíbrio / Emanuella Pereira de Souza. - Cajazeiras, 2016.  
43p.  
Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Elri Bandeira de Sousa.  
Monografia (Especialização em Estudos Literários) UFCG/CFP,  
2016.

1. Análise literária. 2. Shakespeare, William. 3. Lady Macbeth -  
personagem. I. Sousa, Elri Bandeira de. II. Universidade Federal de  
Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 82.09

**EMANUELLA PEREIRA DE SOUZA**

**A AMBIÇÃO EM LADY MACBETH: UM PERCURSO PERSUASIVO DE  
PODER E DESEQUILÍBRIO**

**Data:** \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**Banca examinadora**

---

**Orientador: Prof. Dr. Elri Bandeira de Sousa**

---

**Prof. Dr<sup>a</sup> Lígia Regina Calado de Medeiros**

---

**Prof. Dr<sup>a</sup>. Daise Lílian Fonseca Dias**

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Elri, meu orientador, que desde a Graduação cumpre com destreza aquilo que se propôs a fazer: disseminar a paixão pela Literatura. Em suas aulas seu amor por seu trabalho e sobretudo por suas disciplinas, contagiavam a todos. Elri me fez apaixonar-se por algo extremamente novo, seus discursos sempre recheados de interesse pelas tragédias, despertou em mim o desejo por também discutir Literatura. Meu orientador é um exemplo de amor e zelo pelo que faz, inspira todos que o ouvem, assim dedico a ele este trabalho. Dedico, ainda, este trabalho a Djalma Luiz, meu noivo, que me fortaleceu todas as vezes que pensei em desistir e que sempre torce pelo meu sucesso, e me apoiou desde o início da busca pelo título de especialista em Estudos Literários; você é minha fortaleza.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me concedido a graça da vida, e me abençoar durante toda minha vida. Por ser sempre meu refúgio e minha força nos momentos de dificuldade, e também de alegria. À Nossa Senhora de Fátima, por me cobrir com seu manto, agindo sempre para minha proteção.

À minha Mãe, que não mediu esforços para a minha vitória, e a meu Pai, que sempre lutou para oferecer-me o melhor. A eles agradeço com todo amor do mundo!

Às minhas pequeninas, Hanayá e Nathalie, o sorriso delas me faz perceber que existe razões para continuar.

Aos professores que passaram na minha vida na Graduação e na Especialização, vocês mudaram minha vida, obrigada!

A Djalma Luiz, o meu amor mais lindo, por sempre estar ao meu lado, me apoiando e me incentivando a continuar, suas palavras soam como força e ajudam-me continuamente.

Às minhas amigas do Quarteto Fantástico, muito obrigada por fazer das minhas quartas-feiras as mais doces e felizes. Os melhores sorrisos, eu dividi com vocês. (Por motivos bobos!)

A todos o meu sincero obrigada, vocês são muito importantes para mim!

*A tragédia não é imitação de pessoas e sim de ações, da vida, da felicidade, da desventura; mas felicidade e desventura estão presentes na ação, e a finalidade da vida é uma ação, não uma qualidade. (Aristóteles)*

## RESUMO

A ambição, poder e culpa, a caracterização de lady Macbeth, na tragédia de William Shakespeare, *Macbeth*, se configura a partir desses três elementos. A trama inicia com a aparição de três bruxas, figuras femininas, que proferem um oráculo. Esta profecia instiga em primeiro momento lady Macbeth. Esta por sua vez com argumentos e persuasão convence o esposo a fazer o oráculo se concretizar mais rapidamente. Lady Macbeth se configura avessa a figura feminina do século XVII. A personagem não se constrói apenas como um ser passivo, muito comum no contexto em que a trama foi escrita. É ela que articula, planeja e incentiva o assassinato do rei Duncan, em busca da coroa escocesa. Sua ambição a transforma em uma personagem com traços masculinos, uma vez que psicologicamente age como o homem da época. Entretanto, Shakespeare constrói a lady, inicialmente, como ser forte e cruel, mas a reaproxima da passividade feminina, ao fazê-la declinar, no final da trama. A personagem enlouquece de culpa e comete o suicídio, transparecendo que há ainda uma fraqueza psicológica humana, nessa trama elaborada por Shakespeare, na construção da mulher. Diante disso este trabalho tem como objetivo analisar a construção da personagem e sua importância para o desenrolar de toda a trama.

**Palavras-chave:** Ambição. Persuasão. Oráculo. Personagem.

## ABSTRACT

Ambition, power and guilt, the characterization of Lady Macbeth, the tragedy of William Shakespeare, *Macbeth*, is configured from these three elements. The plot begins with the appearance of three witches, female figures, who utter an oracle, and this prophecy instigates Lady Macbeth, at the first in turn uses arguments and persuasion to convince her husband to make the oracle materialize faster. Lady Macbeth is configured averse to the female figure of the seventeenth to century. The character is not built only as a passive being, very common in the context in which the plot was written. It is she, who articulates, plans and encourages King Duncan's murder, in search of the Scottish crown, and her ambition make her a character with masculine traits. However, Shakespeare, builds lady, initially, as being strong and cruel, but the reconnecting with the female passivity of time make for decline at the end of the rest. The character goes mad with guilt and commits suicide, showing that there is still a psychological westerns elaborated by Shakespeare in woman's construction on this plot. This assignment aims to analyze the construction of the character and its importance for the development of the whole plot.

**Keywords:** Ambition. Persuasion. Oracle. Character.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>1. TRAGÉDIA: A AÇÃO DRAMÁTICA EM FOCO .....</b>	<b>13</b>
1.1 A personagem dramática.....	14
<b>2. TEORIA &amp; CRÍTICA: UMA LEITURA SOBRE OS ELEMENTOS QUE CONSTROEM A TRAGÉDIA <i>MACBETH</i>.....</b>	<b>17</b>
2.1 Elementos sobrenaturais em <i>Macbeth</i> : o despertar da ambição humana .....	19
2.2 A ambição que move a tragédia: poder, culpa e desequilíbrio .....	24
<b>3. EM EXPRESSÃO VIVA E CARNAL: LADY MACBETH SOB ANÁLISE.....</b>	<b>30</b>
3.1 A articulação da trama na tragédia: a função de lady Macbeth .....	36
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>39</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>41</b>

## INTRODUÇÃO

A ambição humana há algum tempo se tornou um ponto de discussão e análise em qualquer época e esfera social, seja ela feita pela psicanálise ou até mesmo em uma roda de conversa casual, sempre vista como algo que apresenta duas faces: a positiva e a negativa, esta é, algo que é intrínseco ao ser humano e, por vezes, é destacada como uma ponte para o sucesso, ou um caminho para o abismo. William Shakespeare, grande dramaturgo inglês, apresenta esse sentimento humano de forma clara em sua obra *Macbeth*. Datada sem precisão, o texto tem 1606 como provável ano de publicação.

O presente trabalho origina-se no interesse em entender o percurso que a personagem lady Macbeth faz durante a obra. Caracterizada por muitos como coprotagonista, a esposa de Macbeth tem fundamental importância para o desdobramento do texto shakespereano, e pode ser vista em determinadas passagens como personagem principal. É necessário para tal entendimento, ressaltar a visão da figura feminina na época, e como a personagem se constrói avessa ao tradicional modelo de mulher no contexto histórico da peça.

Ainda na Graduação, houve o despertar para o quão curiosa é a construção da personagem lady Macbeth, durante a disciplina História das Literaturas. Na ocasião foi apresentada a obra, e esta instigou-nos a tentar entender como se dá a edificação de uma personagem que se configura de modo contrário ao que se espera de tal, uma vez que a tragédia de Macbeth acontece na Escócia e é constituída por uma sociedade patriarcal, nesse sentido a comunidade é orientada e organizada pela figura masculina que determina um líder para atribuir responsabilidades aos demais numa alçada. As características psicológicas da personagem fazem com que se trace uma mulher forte e altiva, decidida sobre suas metas, com um destino traçado, entretanto, a construção feita por Shakespeare permite que a ascensão e o declínio da personagem estejam bem próximos.

Buscou-se analisar e entender os processos que envolvem a relação, entre Macbeth e sua esposa, observando a importância do discurso feminino para a ação planejada, o regicídio de Duncan em busca da coroa escocesa, não deixando de abordar o contexto de tirania que o período em que Shakespeare escreveu, nos proporciona. No propósito destas questões, a abordagem dos temas não está no sentido de mostrar

minuciosamente todos os detalhes ou desvendar os mistérios que envolvem a relação de amor, e sobretudo de ambição entre o casal, mas sim de apontar o que neste estudo se configura como ponto primordial, as leituras sobre a persuasão feminina e sua contribuição para o desfecho da tragédia.

A análise mais preponderante foi feita sob a ótica da argumentatividade da personagem lady Macbeth, que com sua inveja e ambição insaciável de desfrutar do desdenhoso título de rainha, incita o marido a matar o Rei Duncan e tomar posse do regido, a partir de então temos na figura de Macbeth e de sua esposa, afirmações do mal, que causam a desordem, o medo e o desequilíbrio inesperado a Escócia retratada na tragédia. Na obra atribui-se uma grande parcela de culpa as mulheres, numa esfera em que as três bruxas presentes já no início da peça e Lady Macbeth desempenham um importante papel diante da trajetória da obra.

Ao demonstrar a predominância persuasiva no discurso das bruxas e de lady Macbeth com Macbeth, buscou-se por meio da relação destas personagens verificar que os seus atos contextualizam a peça e desencadeiam a tragédia, que apresenta a ambição, seguida da ascensão que antecede o declínio de Macbeth e de sua esposa. A hipótese aqui levantada é a da participação efetiva da esposa na trama, que é regida sob forças extranaturais para alcançar um propósito: a coroa escocesa. Para isso o oráculo das bruxas, distorcido posteriormente, e argumentatividade de lady Macbeth são analisados porque se busca comprovar efetivamente a participação das personagens femininas para o desenlace da tragédia shakespereana.

Este trabalho resultou de uma pesquisa bibliográfica, utilizando o que a crítica já disse a respeito da obra, da teoria sobre teatro e também sobre William Shakespeare, grande escritor inglês que escreveu a obra em análise. Para isso os estudos de Aristóteles (2000); Prado (2014); Filho (1986); Bezerra (2015); Szondi (2001) e Bloom (2000) foram de grande valia, uma vez que sob diferentes aspectos todos estes tratam do teatro e/ou de Macbeth, a peça shakespereana sob a qual debruçamos nos estudos que resultaram neste trabalho. O texto está dividido em três partes, no 1º capítulo intitulado *Tragédia: a ação dramática em foco*, será apresentado o que a teoria diz sobre o drama, gênero em estudo, além de analisar o que a crítica afirma do gênero dramático e a respeito do texto de Shakespeare, evidenciando o que já foi exposto acerca da obra Macbeth, e sobretudo as análises já feitas de sua esposa, lady Macbeth. O segundo capítulo *Teoria & Crítica: Uma leitura sobre os elementos que constroem a tragédia*

*Macbeth* trata da construção da tragédia a partir do envolvimento da personagem na trama, isso porque ela tem participação efetiva para o desenrolar dos acontecimentos, manipula e argumenta, porém cai em culpa e acontece o declínio. No terceiro momento do texto: Em expressão viva e carnal: lady Macbeth sob análise, tece-se as considerações acerca da análise da personagem em estudo.

Para a elaboração deste trabalho foi utilizada a tradução de Alda Porto, feita pela editora Martin Claret (2013), já que a peça é inglesa e sua versão original é versada em Língua Inglesa. Para a análise sobre as personagens Macbeth e lady Macbeth foi utilizado tanto a teoria do drama, como outros estudos, feitos por exemplo pela psicanálise. Isso porque o aproveitamento de todas as ciências que tratam sobre o assunto em estudo, são válidas e se completam.

## 1. TRAGÉDIA: A AÇÃO DRAMÁTICA EM FOCO

Provavelmente no séc. V a.C., na Grécia, consolida-se a forma da tragédia. Neste gênero aparecem as relações entre as personagens, com seus conflitos, e sem a necessidade de interferência do narrador para que a ação dramática seja compreendida pelo público. Os personagens no drama são autonarrativos em seus diálogos, atitudes e ações; não há a necessidade de um narrador. A evolução do drama apresenta diferentes características. Existe sempre uma correlação entre o princípio do gênero e o que veio depois dele.

A tragédia grega emerge em um universo cultural e ideológico marcado pela narrativa mítica e pela crença no destino. Em geral, as personagens de Ésquilo, Sófocles e Eurípedes são atualizações de heróis míticos ou lendários. Se elas são, em grande parte, determinados pelas estreitas alternativas conferidas pelo destino, resta pouco a acrescentar a estas em termos de individualização.

Passado o período medieval, esse que se consolida, na Europa, um novo conjunto mitológico e ideológico, que é o cristianismo, o drama renasce, no Renascimento, com apoio na crença na individualidade humana. O livre arbítrio ganha espaço, e é o que define, em grande medida, as personagens de grandes autores como Shakespeare.

A obra em estudo, *Macbeth*, realiza-se no que se compreende como parte do gênero caracterizado como moderno e por Szondi (2001, p. 29):

O drama da época moderna surgiu no Renascimento. Ele representou a audácia espiritual do homem que voltava a si depois da ruína da visão do mundo medieval, a audácia de construir, partindo unicamente da reprodução das relações intersubjetivas, a realidade da obra na qual quis se determinar e espelhar.

O gênero dramático tem o enlace de três elementos essenciais: o ator, o texto e o público. Para Magaldi (2003, p. 8) “O fenômeno teatral não se processa, sem a conjugação dessa tríade”. O público vislumbra uma representação, feita por um ator, que se utiliza do texto escrito para expressar o que vive e sente a personagem, através da

linguagem verbal; assim o teatro utiliza-se da representação da linguagem verbal e gestual para sua concretização em ações.

Ao escrever uma peça, o dramaturgo supõe a encenação desta: a representação une palavra e ato. Esse enlace promove a ação, caracterizando a construção da personagem. Como propõe Magaldi (2008), a palavra é um veículo que permite ao ator atingir a quem o assiste, mas não se reduz a ela a interpretação, já que o silêncio, a mímica ou um gesto também a constrói. Em sua *Poética*, Aristóteles, assevera que este gênero literário é a imitação das personagens agindo por elas próprias.

No drama as personagens agentes atuam naturalmente, com vícios ou virtudes, a partir de sua baixa ou elevada índole; e também assim será a imitação de suas ações. Assim sendo:

Como os imitadores imitam pessoas em ação, e estas, são de boa ou má índole (porque os caracteres quase sempre se limitam a esses), sucede, que, necessariamente, os poetas imitam homens melhores, ou piores ou então iguais a nós [...] (ARISTÓTELES, 2000, p.38)

É, portanto, a tragédia, para Aristóteles, a forma mais elevada do drama. Provocar a catarse do terror e da piedade, ou seja, a purificação destes sentimentos, constitui o objetivo deste gênero. Para elaborar um drama que consiga alcançar este objetivo, faz-se a simbolização de homens melhores que os geralmente observados, e que, por alguma razão como a fortuna ou o acaso, caíam em algum erro infeliz, gerando então aquilo a que se propõe o drama: gerar pavor ou compaixão.

### **1.1 A personagem dramática**

A personagem dramática pode ser entendida como um complexo, composto de vários aspectos, que fundidos, resultam na elaboração, daquela que vai representar ações a um público. A criatura-personagem nada mais é do que a junção de artifícios de um autor na tentativa de elaboração da personagem como algo consistente, que cause temor ou enternecimento, para que esta consiga estimular as reações do leitor/espectador. Ao caracterizar as ações teatrais, como essências da criação do gênero e a participação da personagem nesse desdobramento, temos a seguinte observação:

[...] há algo em comum com a essência da criação teatral neste processo de mimetização e desdobramento da personalidade. E, em falando de personalidade, é preciso observar que nossas notas pressupõem que a personagem dramática seja apoiada pela noção de indivíduo. Isto é, sem a personalidade individual do ator não pensamos na elaboração da personagem em cena. (FILHO, 1986, p. 20)

Os diferentes modos de enxergar a forma da tragédia, está interligada com o contexto em que foi escrita. As tragédias escritas na era elisabetana possui alguns elementos em comum, o drama histórico como é concebido, aquele que tem traços intrínsecos à História, os fatos relevantes de um determinado contexto e à alusão a realidade é algo explícito. Em Macbeth, os traços com a história da Escócia e Inglaterra são eminentes, porém, com a adaptação e licença poética para enriquecer a história, e transformar parte dela na arte de tornar bela a linguagem. Numa referência ao termo Literatura, usamos a concepção de Roland Barthes (Apud: SOARES, 2014)“A literatura é o sal das palavras”.

Ao estudar a personagem elisabetana, a visão que se tem é de que esta engloba o homem e o mundo, como se unisse o exterior e o interior. Essa unidade é proporcionada pela dramaturgia desse período. Shakespeare ao construir Macbeth e sua esposa, lady Macbeth, mostra que as personagens dramáticas engolem seu próprio destino, já que a edificação das duas personagens se dá justamente pela busca incessante de um futuro previamente antecipado. O oráculo das bruxas, no início da trama, edifica a tragédia:

O acaso, sinal de interferência gratuita do destino, raramente surge no contexto shakespereano. É a forma de o dramaturgo respeitar e valorizar suas personagens, todas complexamente humanas. Elas reagem por conta própria, sentem compulsões tão fortes como vaticínios, isentas dos caprichos de um *deus ex-machina*. (FILHO, 1986, p. 48)

Shakespeare, na construção de lady Macbeth, a aproxima do oculto na mente humana. Na personagem em questão, é possível enxergar a ambição, característica intrínseca ao ser humano. Lady Macbeth apresenta como o desejo desenfreado pelo poder pode corroer as pessoas; como a ambição desmedida é capaz de levar à ruína quem a possui. A esposa de Macbeth não teme os frutos vindouros de suas ações. Ela apenas age, sempre buscando o seu bem, não valendo-se do bem comum.

A caracterização da personagem é importante para a configuração do enredo dramático, que tem como referência explícita as ações e o comportamento das

personagens. (BARTHES, 2000. Apud: SOARES, 2014). Lady Macbeth é vista como personagem que não tem um comportamento fixo, já que suas ações mudam. Ela sai do absoluto conforto de seu poder para uma vivência baseada na loucura, e isto ocorre de maneira simultânea no decorrer da trama, e bastante rápida. A caracterização da personagem é direta, já que é elaborada através da enumeração objetiva dos seus traços, através de palavras proferidas por ela mesma, discursos de outras personagens ou indicações contidas nas didascálias.

Macbeth também é entendido como modelado, talvez ainda mais que lady Macbeth, já que sua mudança é bem mais real e significativa. Ele é leal e cauteloso, torna-se desleal, cruel e descomedido. Também é caracterizado diretamente: o que a personagem demonstra, através de suas falas, e dos comentários a seu respeito por outras personagens realizados, e as referências, presentes nas didascálias, constroem a personagem.

Tanto Macbeth como sua esposa passam por uma verdadeira reviravolta durante o desencadear da tragédia, apresentam a inversão de valores, depois a desfazem. Apresentam-se como reflexo da ambição do homem, já que se reconhece, nos dois, a presença da referência com a realidade. Shakespeare constrói Macbeth e lady Macbeth para despertar no leitor/espectador a realidade da concupiscência humana, que se suja pelos seus desejos, se arrepende, ou não, comete erros e ambiciona cada vez mais.

## 2. TEORIA & CRÍTICA: UMA LEITURA SOBRE OS ELEMENTOS QUE CONSTROEM A TRAGÉDIA *MACBETH*

*Macbeth*, é, aparentemente a única peça de Shakespeare, diretamente, relacionada à situação histórica da Inglaterra do século XVII. O tema escolhido pelo escritor foi a Escócia do século XVII. Alguns estudiosos apontam a referência a Jaime I, este herdeiro escocês da rainha Elisabeth I, que em 1606, ano em que a peça é datada, assumiu o trono inglês. Sendo a tragédia uma imitação da vida, muitas relações com a realidade foram encontradas entre Macbeth e a realidade contextual da peça; os antepassados do rei e o próprio Macbeth. A *História do Povo Escocês*, do filósofo Hector Boece, traz relatos históricos sobre a realidade escocesa, e Shakespeare usa da licença poética para alterar o temperamento do Macbeth dos relatos históricos, construindo-o como um homem ambicioso, com desejo desmedido de poder. A obra em estudo, utiliza da figura feminina para o desenlace da tragédia. No momento histórico em que Macbeth é descrito, que é o mesmo em que as mulheres desfrutavam, comedidas ainda, de liberdade, todavia, conforme o sistema vigente, o homem ainda era detentor do poder, e, continuava a se sobrepor à figura feminina.

Nos reinados da rainha Elisabete I (1558-1603) e do rei Jaime I (1603-1625), as mulheres inglesas gozavam de maior liberdade do que suas irmãs na Europa continental. Os viajantes que vinham do estrangeiro ficavam surpresos com o comportamento delas, que não eram confinadas em casa como na Espanha e em outros países: além das igrejas, elas tinham permissão de frequentar outros lugares públicos, tais como mercados, feiras e teatros, onde se constituíam em uma parte importante dos espectadores. (CAMATI, 2014, p. 5)

A história que Shakespeare escreveu tem contrapontos com a realidade. O poeta imaginou e descreveu os conflitos, os diálogos e as situações, mas os acontecimentos descritos sucederam-se à realidade. Partindo do enlace com o real, William Shakespeare ornou Macbeth com elementos reais e extranaturais, com a presença de reis e soldados, mas também de bruxas e elementos que representam o mal. “O papel do poeta é dizer não o que aconteceu realmente, mas o que poderia ter acontecido na ordem do verossímil ou do necessário.” (ARISTÓTELES, 1660. Apud: ROUBINE, 2003, p. 17) Assim, o autor fez uso da sociedade da época para demonstrar era mutável o mundo e as pessoas. Para isso, utilizou-se da caracterização real das pessoas da época descrita na

trama, de um momento histórico que ainda não permitia ao homem descobrir-se inteiramente enquanto parte de uma sociedade em movimento. Fez de *Macbeth* uma tragédia histórica, que desperta no espectador reflexão acerca dos sentimentos humanos, dos desejos e ambições que dormem no ser humano e que podem ser acordados a qualquer momento.

A usurpação de Macbeth na peça, de fato representa a felicidade por ele buscada, embora esta represente para o espectador a crueldade. Macbeth extrapola todos os princípios que pode, tudo a que tem alcance, hesita no princípio, mas após conseguir o poder, abandona o perfil de lealdade antes mostrado, e encarna um tirano com sede de poder, que deseja a permanência e consistência de seu reinado, não importando o que custe para tê-lo. “Haverá sangue; dizem que o sangue traz sangue” (SHAKESPEARE, 2013, p. 77) No primeiro momento, o remorso inibe Macbeth, mas ele vê na morte o alimento para seus desejos, a fonte de força que o moverá. A partir de então aparece o declínio moral do rei, uma vez que de soldado leal ele passa a rei assassino. Logo em seguida começa a decadência vital de lady Macbeth, que desde o princípio se apresenta forte e viril, mas o mesmo remorso que inibia Macbeth no início, a toma, a enlouquece, e a conduz a seu fim trágico, o suicídio.

Bloom (2001) define Macbeth como a personagem fantasia, que possui extrema crença no fantástico: ele crê exageradamente nas profecias proferidas pelas bruxas, e isso torna-se a alavanca de suas ações, sua imaginação as propõe. Aquilo que não consegue realizar, ainda possuindo a lealdade e medo, encontra em lady Macbeth. Ela quer a qualquer custo o reino, e com métodos persuasivos, e com argumentos, algo muito forte nela, sustenta a trajetória de Macbeth.

Todos possuímos, embora em graus distintos, imaginação profética; em Macbeth, esse tipo de imaginação tem um valor absoluto. O personagem nem bem se dá conta de uma ambição, uma aspiração, ou um desejo, e já é capaz de *ver* a si mesmo cometendo o crime que, equivocadamente, satisfaz a referida ambição. (BLOOM, 2001, p. 633)

Ao assassinar o rei, Macbeth faz sua escolha, opta pela morte e decide seu caminho. Ele tem a opção de refletir sobre o ato, escolhe e vai ao encontro ao crime, impulsionado por sua esposa, mas o faz. A culpa e o remorso o acompanham, as consequências do ato vão além, trazem dor e ausência de paz, já que perde o equilíbrio e a sanidade quando, em um banquete, vê o espectro de Banquo sentado à mesa.

Elemento da tragédia, a ambição de Macbeth o desloca da perspectiva de Aristóteles sobre o herói: “[...] é aquele que nem sobreleva pela virtude e justiça, nem cai no infortúnio em consequência de vício e maldade, senão de algum erro, figurando entre aqueles que desfrutam grande prestígio e prosperidade [...]” (ARISTÓTELES, 2000, p. 32)

## **2.1 Elementos sobrenaturais em *Macbeth*: o despertar da ambição humana**

O primeiro ato da peça é iniciado com a aparição de três bruxas. Elas ouvem chamados de espíritos íntimos, que eram representados, geralmente, por animais, sapos e gatos, que desempenhavam papel muito importante na magia negra e bruxaria. As bruxas dialogam sobre quando reaparecerão novamente, e logo em seguida desaparecem. A segunda aparição das três bruxas, acontece ainda no primeiro ato, na terceira cena. É quando aparecem a Macbeth e Banquo, as bruxas sempre aparecem em um cenário sombrio, sob relâmpagos e/ou trovões, em espaços que trazem o sombrio e que despertam o medo, conversam sobre bruxaria contra humanos. Em seus diálogos é possível enxergar a maldade aparente. Ao encontrar os dois generais do exército do rei, as bruxas proferem o oráculo, que tem o objetivo de despertar a ambição inerente ao ser humano.

Essa aparição acontece após soarem os trovões e os relâmpagos clarearem um lugar deserto. Desde o princípio a busca das bruxas por Macbeth se mostra aparente. A primeira fala que reúne a voz das três bruxas Belo é asqueroso e asqueroso é belo (SHAKESPEARE, 2013, p. 16) parece ser algo que será apresentado ao longo da tragédia, aparece como uma conclusão antecipada ao espectador do percurso das personagens principais, aqui entendidas como Macbeth e lady Macbeth.

O homem egoísta busca de forma exagerada isentar-se da culpa de seus erros cruéis e de seus defeitos sórdidos. Macbeth é a representação dessa figura masculina que age de modo egocêntrico e que sofre as consequências posteriormente. O remorso o acusa e na tentativa de livrar-se dessa culpa consciente, destrói todos que o fazem lembrar de seu erro trágico, como se a morte de todos que “ameaçam” seu reinado fosse a solução para isentá-lo dos pensamentos culposos que o cercam. Macbeth se torna um tirano, capaz de planejar a morte de quem está a sua volta, apenas para manter vivo o

sonho de ser rei, é como se a destruição de todos aqueles que fazem parte do círculo do regido e da lembrança do seu erro, o resgatasse de si para si mesmo.

As três bruxas não aconselham ou sequer incitam Macbeth a cometer crimes, quaisquer que sejam. Estas enxergam os desejos mais profundos da personagem e proferem a profecia que rege toda a tragédia: Macbeth irá se tornar rei. A ambição de Macbeth e de sua companheira os escraviza, empurra-os para o erro trágico, envereda o caminho de crimes realizados pelo protagonista e incitados por lady Macbeth. A caracterização de Macbeth, sem depender do destino dos deuses, com a “culpa consciente” e egoísmo, é bem diferente do que sugere a *Poética*.

PRIMEIRA BRUXA- Salve, Macbeth! Eu vos saúdo, barão de Glamis!  
 SEGUNDA BRUXA- Salve, Macbeth! Eu vos saúdo, barão de Cawdor!  
 TERCEIRA BRUXA- Salve, Macbeth, que rei haverá de ser no futuro imediato! (SHAKESPEARE, 2013, p. 21-22)

As três bruxas representam os pensamentos obscuros e as tentações inconscientes dos personagens. Consoante Bezerra (2015), Macbeth procura sua sorte, que foi “lida” pelas três bruxas. Assim, logo após a aparição dos seres sobrenaturais, Macbeth busca se espelhar no oráculo proferido, busca um futuro prometido pela premonição, que imaginativamente se projeta como objetivo, e por vezes chega a ultrapassá-lo, por exemplo quando não se sente ameaçado por Malcolm, filho de Duncan, que pela lógica histórica de sucessão, ficaria no trono em lugar de seu pai. Macbeth ignora a razão, simplesmente por ela não estar inserida na previsão oracular proferida pelas bruxas. Dessa forma, Macbeth construiu parte de sua tragédia, uma vez que ao interpretar as profecias, optou por um futuro sanguinário, construindo com lady Macbeth um percurso de ascensão e declínio.

Macbeth e sua esposa produzem a tragicidade que os persegue, ele ao receber as previsões das bruxas, e ela ao ser receptora da profecia, já pelo esposo. Lady Macbeth conduz o esposo ao ato cruel, uma vez que ele recebe a profecia, mas hesita: não parte dele a busca pela realização do oráculo. Ela o incita e Macbeth cai nas artimanhas argumentativas de sua esposa. A partir de então, tornam-se donos de seus destinos, antecipando as previsões oraculares, acelerando o tempo da tragédia.

Hegel diz que “as bruxas são apenas a figuração poética da vontade rígida e sem escrúpulos de Macbeth” (HEGEL, 1996 *Apud* BEZERRA, 2015, p. 135). Entretanto,

não se pode entender que todo o sobrenatural que envolve a tragédia é fruto do imagístico da personagem. O sobrenatural não tem projeção fixa em Macbeth, ele está no contexto da peça para ilustrar a maldade, não apenas enaltecendo a ambição da personagem. É mais plausível conceber as bruxas como o espelho do mundo moderno: elas interferem na construção da personagem, seja de forma direta ou indireta, agindo nas emoções e ambições de Macbeth.

Shakespeare parece instigar o público a se perguntar se as bruxas são agentes independentes, ou agentes do destino, cujas profecias são apenas os relatórios do inevitável. Em Macbeth, as profecias funcionam como um fato impulsionador dos desejos mais profundos de Macbeth e de sua esposa. As personagens das bruxas são elaboradas fora dos limites da compreensão humana; elas incorporam uma irracionalidade instintiva. Elas não ordenaram que Macbeth teria que matar Duncan, mas a profecia foi interpretada como um enigma, e Macbeth encontrou o caminho para fazê-la se cumprir.

Antes de Macbeth entrar em cena, acompanhado de Banquo, no I Ato, Cena III, as bruxas dialogam entre si, e é justamente quando os dois generais estão prestes a entrar em cena que as três bruxas ao mesmo tempo, proferem uma frase que sugere o que virá a acontecer na tragédia: “[...] Silêncio! O encanto está começando.” (SHAKESPEARE, 2013, p. 21). Fica subtendido que o feitiço em que elas trabalham é para Macbeth, e a chegada deste até elas sugere que o mal está prestes a dominar a personagem.

No primeiro momento, ao receber o oráculo proferido pelas três bruxas, Macbeth ouve, e escreve a sua esposa, narrando o acontecido. Ele não procura esse acontecimento, ao retornar de uma batalha, vencida: encontra os três seres que fazem as previsões. Entretanto, ao ser convencido por sua esposa, e já totalmente embriagado pelo poder, Macbeth, no IV Ato, procura as três bruxas. Assim, a busca pela afirmação de um futuro por ele idealizado enche-o de coragem e crueldade, a fim de entender o que está por vir, e se ele ainda precisa intervir no oráculo para continuar a ser rei. Após um diálogo com as três bruxas, Macbeth decide que quer ver os espíritos que as bruxas invocam para fazer as premonições:

TODAS- Aparece, de cima ou de baixo, mostra a ti mesmo e teu dever com destreza e esmero.

*(Trovão. Primeira aparição: eleva-se o espectro de uma cabeça, armada com capacete.)*

MACBETH- Diz-me, poder incógnito...

PRIMEIRA BRUXA- Ele sabe o que pensas. Ouve suas palavras e nada digas.

PRIMEIRA APARIÇÃO- Macbeth, Macbeth, Macbeth! Cuidado com Macduff, cuidado como o barão de Fife! Dispensa-me. Basta.

*(Desce a aparição)*

MACBETH- Quem quer que sejas, obrigado pelo teu bom aviso. Expressaste com precisão meu medo. Porém, mais uma palavra...

PRIMEIRA BRUXA- Ele não se submete a ordens. Aí vem outro ainda mais poderoso que o primeiro.

*(Trovões. Segunda aparição: eleva-se o espectro de uma criança ensanguentada)*

SEGUNDA APARIÇÃO- Macbeth, Macbeth, Macbeth!

MACBETH- Se eu tivesse três ouvidos, te ouviria.

SEGUNDA APARIÇÃO- Sê sanguinário, ousado e resoluto, e ri com desdém do poder do homem, pois nenhum nascido de mulher fará mal a Macbeth. [...]

*(Desce a aparição)*

*(Trovões. Terceira aparição: uma criança coroada com uma árvore na mão)*

TERCEIRA APARIÇÃO- [...] Macbeth só será vencido no dia em que contra ele a grande floresta de Birnam alcançar a elevada colina de Dunsinane.

*(Desce)*

(SHAKESPEARE, 2013, p. 86-88)

Mais uma vez o oráculo é mal interpretado por Macbeth. As aparições fazem previsões que lhe favorecem, ao menos o óbvio. Indica que Macduff o ameaça; que homem nascido de mulher não o fere; e ainda que Macbeth só será vencido quando uma floresta se mover. Logo em seguida na mesma cena, é anunciada a fuga de Macduff para a Inglaterra, o que de certa forma tranquiliza o rei: quem o ameaçava fugiu, não havia homem não nascido de mulher e uma floresta não se movia. Assim, estava realizado o oráculo. Movido ainda pela insegurança, Macbeth ordena o assassinato da família de Macduff, o que incita-o ainda mais na sede de vingança contra Macbeth.

A ruína de Macbeth é direcionada pelo oráculo. O óbvio não lhe é apresentado, a sucessão de Duncan, por seu filho Malcolm. Ele entende as previsões como distantes e difíceis de não se cumprirem. O declínio de poder de Macbeth inicia quando, no V Ato, Cena V. O mensageiro informa-o que a floresta de Birnam parece mover-se e encerra-se no mesmo ato, Cena VIII, ao lutar contra Macduff e esse afirmar-lhe não ter nascido de mulher: “[...] declara-te que não fui parido por minha mãe. Retiram-me dela ainda prematuro por um corte cesariano” (SHAKESPEARE, 2013, p.123). Dialogam e duelam, mas Macbeth é morto.

Assim, o oráculo que previa a coroa a Macbeth se cumpre, não como planejado, nem por muito tempo, já que as previsões apenas, conferiam a Macbeth o título de rei, sem orientá-lo a nenhuma ação. A distorção e má interpretação faz com que esse oráculo se torne, um mero instrumento nas mãos de Macbeth e de sua esposa.

A condição de mulher de lady Macbeth parece incomodá-la, estrutura-se como um empecilho na realização de suas ambições. Por isso, ao desejar fortemente a coroa escocesa, ela também utiliza de forças extranaturais, ou não concebidas como positivas, para ajudar em sua cobiça exagerada. Lady Macbeth sabe da sua fragilidade feminina, e entende que esta pode atrapalhar seus planos ambiciosos. Ela sabe que tem limitações e que precisa de força para conseguir colocar em prática aquilo que deseja. Por isso a fala de lady Macbeth no I Ato, Cena I, busca essa força necessária:

LADY MACBETH- [...] Vinde, espíritos que ouvis pensamentos mortais, retirai-me já as qualidades femininas e enchei-me até a borda, da cabeça aos pés, com as mais terríveis crueldades! Espessai-me o sangue, impede o acesso e passagem ao remorso. Que sentimentos de culpa não abalem meu letal propósito, nem deem trégua à sua execução. Trocai-me o leite por fel, ministros do assassinato, em qualquer parte que estejais, onde vossas substâncias invisíveis acompanham o crime humano! (SHAKESPEARE, 2013, p. 31)

Lady Macbeth não é determinada pelas forças sobrenaturais. Pelo contrário, a personagem parece recorrer a elas para realizar o seu intento. A condição feminina é claramente colocada como entrave para a conquista das ambições da personagem. Mesmo não possuindo as características típicas da mulher no contexto da modernidade, lady Macbeth é mulher, e mesmo se comportando avessa ao patriarcalismo da época, possui as fragilidades concebidas ao sexo feminino, pelos preceitos da época em relação a mulher.

O sobrenatural aparece como propulsor das ações de Macbeth e de sua esposa, já que aparecem primeiro na tragédia, as bruxas, e a primeira vez em que o nome que dá nome a peça é proferido, é por uma delas. A ambição de lady Macbeth invoca espíritos malignos e a incerteza e ambição de Macbeth o fazem procurar as bruxas e invocar as aparições. As previsões parecem ser conduzidas propositalmente para causar o erro trágico, acabam por apontar o caminho errôneo que Macbeth deve tomar e seguir, intencionam lady Macbeth a abrir as portas da ambição que guarda. O assassinato de Macbeth, parece não passar de uma realidade antecipada, já que a frase,

no início da trama, proferida pelas três bruxas: “*Belo é asqueroso e asqueroso é belo*” (SHAKESPEARE, 2013, p. 16), ilustra todo o percurso da tragédia, Macbeth quis precipitar o discurso oracular, o interpretou de forma que o favorecesse e assim, teve seu fim também antecipado. Já perto de seu fim, ao saber da origem de Macduff, Macbeth entende então que elaborou a antecipação do oráculo, não assume a culpa da má interpretação, e se revolta:

MACBETH- [...] Que não acreditemos jamais nesses demônios trapaceiros que nos confundem com jogos de palavras ambíguos, os quais garantem as promessas que nos fazem aos ouvidos, elevam-nos grandes esperanças, para depois as destruírem. Não digladiarei contigo. (SHAKESPEARE, 2013, p. 123)

O fim trágico de Macbeth está próximo, e ao perceber isso ele tenta fugir, mas logo em seguida duela com Macduff, o qual era o único que podia matá-lo. Ele não entendeu o oráculo lançado pelas bruxas, não foi capaz de interpretá-lo senão à sua vontade, e teve assim um fim trágico. Macbeth e sua esposa são responsáveis pela catástrofe, impulsionados pelo oráculo, todavia conscientes dos crimes que arquitetaram e executaram em busca da coroa escocesa. E isso os afasta, em grande medida, das personagens das tragédias gregas.

O oráculo feito pelas bruxas e pelas aparições, a invocação de lady Macbeth ao sobrenatural são alegorias colocadas por Shakespeare em sua tragédia, para endossar os conflitos que rodeiam a alma humana, além de mostrar que ambição é algo intrínseco, capaz de criar no simples visões complexas, distorcidas da realidade. O comportamento humano sempre é passível de mudança quando o poder está em jogo, a ambição do casal representa uma sequência distorcida da realidade, e que tem como mola propulsora o sobrenatural.

## **2.2 A ambição que move a tragédia: poder, culpa e desequilíbrio**

Toda a tragédia gira em torno da ambição do protagonista e de sua esposa. No início da trama Macbeth mostra-se um fiel general do rei Duncan, sempre disposto a proteger a Escócia de seus inimigos. A aparição das três bruxas despertam em Macbeth a ambição humana nele adormecida, mas não se apresenta tão viva quanto em sua esposa. A ambição consome lady Macbeth, a faz traçar em sua diabólica cabeça o regicídio que entregaria a coroa a ela e seu esposo.

Lady Macbeth não tem seu poder depositado apenas no fato de ter conseguido a coroa escocesa. A caracterização da personagem já a faz um modelo contrário à figura feminina, colocando-a como uma das mais perfeitas vilãs por Shakespeare idealizadas. Ela é pérfida ao dialogar com o rei, naquela que seria a última ceia do regente.

(Lady Macbeth em diálogo com Duncan)

LADY MACBETH- Todos os nossos esforços, dobrados e redobrados em qualquer sentido, seriam tarefas insignificantes e menores em comparação com as profundas e amplas honrarias que Vossa Majestade proporciona em profusão à nossa casa. Pelas vossas antigas benfeitorias que se acumularam às mais recentes, permanecemos como vossos eremitas.

DUNCAN- [...] Somos teus hóspedes por esta noite, formosa e nobre anfitriã. (SHAKESPEARE, 2013, p. 33 – adaptado)

A esposa de Macbeth, anfitriã aquela noite proporciona que esta seja agradável, com uma mesa farta e uma hospitalidade exagerada, isso para que seu plano saia como o desejado. Em busca de poder, lady Macbeth idealiza o sonho de ser rainha, planeja as ações daquela noite tenebrosa em que o ato acontece e atrai com sua maldade Macbeth para realizar o ato, já que ela trama todo o assassinato de Duncan. Em uma conversa com Macbeth, quando entende que o esposo não sente confiança para realizar o ato, lady Macbeth assume as rédeas da ação: *“Só mantenha o semblante sereno. Alterar a expressão facial sempre tente a suscitar desconfianças. Deixa todo o resto comigo.”*. (SHAKESPEARE, 2013, p. 32) Tranquiliza, incita e persuade o marido, mas não é capaz de desferir os golpes contra o rei. Seu poder está na sua capacidade de persuadir. Ambiciona e consegue realizar o plano, que a princípio soa perfeito, embora posteriormente a culpa apareça e destrua lady Macbeth.

Shakespeare, aparentemente, despontou ao reconhecer que as mulheres da época, que ainda era tomada e marcada pela imposição da figura masculina, detinham força e desejos femininos que iam em desencontro ao isolamento social que se esperava em que elas existisse. Os diálogos entre Macbeth e sua esposa são triunfantes, ela ao tentar convencê-lo e concordar com seus desejos e ele a princípio preocupado com a lealdade e resistindo ao ato desleal, que ia em desencontro com sua personalidade aparente:

MACBETH- Não podemos levar esse plano adiante. Duncan acaba de cobrir-me de honras, que me renderam opiniões douradas de todo tipo de pessoas. Desejo desfrutar essas distinções por mais algum tempo e não rejeitá-las tão depressa.

[...]

LADY MACBETH- Que animal, então, te fez violar essa promessa a mim? Quanto tu tiveste a ousadia de empreendê-la eras um homem, e ser mais do que já eras te tornaria muito mais homem ainda. (SHAKESPEARE, 2013, p. 35-36)

O amor que existe em lady Macbeth é pelo poder, e com o transcorrer das ações é possível começar a enxergar que seu esposo principia tomado pelo mesmo sentimento. Há cumplicidade entre os dois, e lady Macbeth utiliza disso e do amor que o esposo sente por ela para persuadi-lo e confrontá-lo, até que este esteja convencido de que o regicídio é o caminho para tornar real os vaticínios proferidos pelas três bruxas.

O poder de lady Macbeth surge do desejo de impor sua vontade acima da vontade de seu esposo e sobretudo das outras personagens, que não foram consultados e ainda mais são alheios, aos desejos profundos do protagonista. Assim, o poder de lady Macbeth se constrói a partir de algo insano e sem regras. Ela age de forma calculista, mas não usa nenhum princípio de moralidade ou bem comum, já que o único bem que ela deseja é o dela própria.

A nossa personagem em estudo é detentora de uma amoralidade sem tamanho, ela faz uso desmedido da perversidade, utiliza meios criminosos para atingir sua meta: a coroa, que representa o poder. Lady Macbeth não avalia se seus métodos são inversos àquilo que rege as leis humanas ou princípios divinos. Ela planeja e pratica, mesmo sendo estes atos prova de sua desumanidade.

A culpa surge primeiro em Macbeth. Já tomado de ambição e sem mais nenhum princípio de lealdade ou humanismo, o então rei se incomoda com a previsão das bruxas que citam os filhos de Banquo, general escocês e amigo de Macbeth como futuros reis. Lembra, com verdadeiro horror, que todo o esforço pode ser em vão, já que ele não tem filhos e que, de fato, os rebentos de Banquo, herdariam o trono lugar esse tão obscuro e criminoso de se conseguir.

No terceiro ato da peça, Macbeth ordena o assassinato de Banquo, com o consentimento de sua esposa. Ele teme que a verdade apareça e também por não ter filhos para assumir o seu lugar, entende que a morte de Banquo e de Fleance, seu filho, é a melhor solução para aquele impasse. Ordena assassinos para o ato. Banquo é assassinado, mas seu filho consegue fugir, o que atormenta o rei. Na mesa, todos postos, porém algo encontra-se em desacordo: o único lugar que restava é ocupado pelo

fantasma de Banquo. É nesse momento que a culpa chega a Macbeth: ele vê o espectro e não controla sua consciência. Diante de todos se altera e dialoga com sua culpa, o fantasma:

MACBETH (*Ao fantasma*) - Não podes dizer que eu fiz isso. Não sacudas para mim teus cabelos ensanguentados.

[...]

LADY MACBETH (*A Macbeth para que só ele ouça*) - És homem?

[...]

MACBETH (*Ao fantasma*) - Que tens a dizer? Ora que me importa. Se podes abanar a cabeça, também sabes falar. (SHAKESPEARE, 2013, p. 73-74)

Lady Macbeth permanece forte, ao contrário de seu esposo, cuja culpa o tomou e sua consciência em peso, pelo assassinato de seu amigo, o faz desequilibrado. A personagem que durante toda a tragédia se mostra forte e destemida, até o terceiro ato, desaparece no fim dessa divisão, e reaparece apenas na quinta parte, após outros crimes pelo esposo encomendados, e por assassinos realizados. O ressurgimento de lady Macbeth não ocorre como das outras vezes em que apareceu na tragédia. O quinto ato se inicia com um diálogo entre uma dama de companhia e um médico, que conversam sobre as ações perturbadas da rainha.

A desestabilização de lady Macbeth é aparente, a culpa já não cabe mais em seu interior, transborda-a e consome seu sossego. Shakespeare deixa subjetiva a ideia de que a visão da personagem seja real ou alucinada, serve de maneira uniforme como sinal sobrenatural de sua culpa. Na personagem em estudo, a culpa atormenta quando ela acredita que suas mãos estão manchadas com sangue e que não podem ser lavadas somente com água. Lady Macbeth, que foi arguta em boa parte da peça, agora se encontra, assim como seu marido já esteve, em total desequilíbrio. O sono, que para muitos significa momento de repouso, de libertação em relação à realidade, tornou-se, para lady Macbeth, um momento de perturbação, em que as verdades aparecem e a culpa a consome. Em seus momentos de devaneios sonâmbulos, ela altera passagens de poder, ao questionar o medo de Macbeth, com eventos de total desequilíbrio, ao mostrar que deseja o encerramento das ações criminosas:

LADY MACBETH- [...] Que vergonha, meu marido, que vergonha! Um soldado e com medo? Por que precisamos ter medo que saibam, quando ninguém poderá exigir que se prestem contas ao nosso poder absoluto?

[...]

LADY MACBETH- O barão de Fife tinha uma mulher; onde ela está agora? Como, estas mãos nunca ficarão limpas? Chega disso, meu marido, chega disso. Arruína tudo com esses sobressaltos. (SHAKESPEARE, 2013, p. 109)

A realidade por lady Macbeth vivida nessa passagem, é aparentemente o que a causa loucura. Macbeth ao se empenhar em que não descubram suas ações, parece não mais se importar com sua esposa, que no início representava para ele uma fortaleza. A frustração de lady Macbeth parece encaminhá-la ao seu declínio. De personagem dotada de virilidade e persuasão, passa a uma representação fraca, que não consegue manipular a culpa, algo que fez de forma triunfante. Se torna desequilibrada a ponto de supostamente tirar a própria vida, já que o suicídio não fica claro, é entendível apenas por uma fala já no final da trama.

Lady Macbeth se encontra no quinto ato imersa na loucura. A fragilidade que não era conhecida na personagem é algo real. A tensão causada pelos atos criminosos gera a ruptura da personagem, não há mais a forte relação entre marido e mulher; a fragilidade de lady Macbeth é agora conhecida. A consciência moral por ela desprezada no início aflora, e lady Macbeth sucumbe ao remorso.

As personalidades parece agora se inverterm, já que toda a masculinidade projetada em lady Macbeth surge em seu esposo. Macbeth não hesita mais em nenhuma de suas ações, entende que o derramamento de sangue é algo necessário, e segue resoluto em suas convicções. Sem importar-se com a lealdade antes apresentada, continua seu percurso sem culpa ou remorso. Toma a coroa escocesa como prioridade, esquece-se de sua esposa e de sua personalidade elaborada com base em princípios morais, e age agora como um tirano sem escrúpulos. Macbeth trata com naturalidade e sem nenhuma aparente tristeza a notícia trazida pelo tenente-general de seu exército:

SEYTON- A rainha, meu senhor, acabou de morrer.

MACBETH- Oh, ela deveria morrer amanhã mais tarde; chegaria um momento adequado para semelhante notícia. Amanhã, amanhã, e amanhã, insinua-se nesse ritmo trivial dia após dia até a última sílaba do tempo registrado. [...] (SHAKESPEARE, 2013, p. 118)

A culpa é um sentimento presente na tragédia das personagens e sobressaltado quando se trata do declínio delas, seja no início por Macbeth ou no fim trágico que tem lady Macbeth. A ambição move as personagens nas ações da tragédia e a culpa, traz o declínio dos mesmos. O desequilíbrio de Macbeth e de sua esposa não acontece de forma consciente. Entende-se portanto, que em nenhum momento há redenção dos dois.

Ambos são abolidos da trama, a paz volta a reinar, sem haver, no entanto, redenção por parte de Macbeth ou de sua lady.

O mal apresentado para gerar os conflitos que regem a tragédia é o mesmo que gera culpa e remorso e destrói Macbeth e sua esposa. Ela, em sua loucura, já sem sanidade, supostamente comete suicídio; ele, embriagado pela sede de poder, não enxerga mais obstáculos que não possam ser vencidos. A inversão das personagens no início apresentada se desfaz.

Freud recorre a um estudo sobre Shakespeare, de Ludwig Jekels (1917), o qual diz que é frequente este poeta decompor um caráter em dois personagens, sendo cada um incompreensível até que os juntemos num só. Assim poderia ser o caso de Macbeth e a esposa, que se completam: ele comete o crime desejado e instigado por ela; o medo que aparece em Macbeth na noite do crime se desenvolverá em sua lady; foi ele que teve a alucinação do punhal, mas ela é quem sucumbe a uma enfermidade psíquica; ele fica sem ação, com as mãos ensanguentadas, mas é ela que lava as mãos sujas de sangue. (LIMA, 2012, p. 55)

Consoante Lima (2012), entender o que gera a culpa é chave para tentar entendê-la. A culpa pode ser algo anterior ao fato, como a hesitação de Macbeth, ao tentar resistir aos desejos de sua esposa; a culpa pode gerar maior participação nos crimes, como a resistência de lady Macbeth à situação, ao passo que Macbeth desequilibra-se após o assassinato de Duncan. A fuga do remorso faz com que lady Macbeth procure prosseguir com o plano; Por fim, a culpa como geradora do desfecho: lady Macbeth sucumbe por culpa, e seu fim trágico é a morte. Ela demonstra que a culpa já não mais cabe em seu ser, e expira.

### 3. EM EXPRESSÃO VIVA E CARNAL: LADY MACBETH SOB ANÁLISE

O teatro expressa a ação viva e carnal da personagem. A partir desse pressuposto feito por Prado (2014), e o aplicando à personagem em estudo, lady Macbeth, pode-se perceber as características que marcam essa expressão da personagem. Pode-se definir no texto de Shakespeare dois momentos vividos por ela: a ascensão e o declínio, que ocorrem de maneira muito rápida, uma vez que a peça se passa em apenas sete dias.

A ausência do narrador no teatro é bem compreendida, as personagens o dispensam. Há a demonstração da história, não há contação dos fatos, e sim uma representação destes. O teatro se mostra com grande poder persuasivo, uma vez que a demonstração lança mão da imaginação do espectador, que assiste a representação da obra de forma viva e real.

A finalidade implícita do drama não é mais a participação do espectador, mas sua alucinação. Uma vez que o critério do belo teatral é a perfeição da imitação, nada se comprova melhor do que a confusão do espectador incapaz de distinguir a ficção da realidade. (ROUBINE, 2003, p. 70-71)

Lady Macbeth aparece pela primeira vez no primeiro ato, lendo a carta escrita por seu esposo, Macbeth, que conta a aparição de bruxas a ele. Analisando essa carta, podemos tecer algumas considerações sobre o tipo de relacionamento que Lady Macbeth tinha com o marido. Macbeth participa-lhe a sua alegria por ter sido designado Thane of Cawdor, contando-lhe igualmente o seu encontro com as bruxas e as suas profecias, segundo as quais ele viria a ser rei. Referindo-se a ela como “minha grande amada companheira”, denota o seu amor pela esposa, bem como uma grande cumplicidade e a partilha de ideias.

A determinação manifestada por Lady Macbeth logo após a leitura da carta revela que a identificação deste casamento com o ideal Renascentista não era perfeita, dado que ela não é uma mulher passiva nem submissa à vontade do marido. A partir desse momento a esposa do futuro rei escocês se mostra ambiciosa.

Como afirma Prado (2014), a personagem teatral, portanto, para dirigir-se ao público, dispensa a mediação do narrador. A história não nos é contada mas mostrada como se fosse de fato a própria realidade. Dessa forma, a ambição de lady Macbeth não

é algo imaginado pelo espectador, e sim uma trama persuasiva que se passa diante de nossos olhos, que não permite haver onisciência.

A caracterização da personagem do teatro apresenta três vertentes necessárias à apresentação do enredo: o que a personagem revela sobre si mesma, o que faz e o que os outros dizem a seu respeito. (PRADO, 2014). A partir desse pressuposto, a análise de lady Macbeth faz-se necessária para a análise da tragédia em questão.

No teatro, todavia, torna-se necessário, não só traduzir em palavras, tornar consciente o que deveria permanecer em semiconsciência, mas ainda comunicá-lo de algum modo através do diálogo, já que o espectador, ao contrário do leitor do romance, não tem acesso direto à consciência moral ou psicológica da personagem. (PRADO, 2014, p. 88)

A primeira aparição de lady Macbeth na peça se dá no primeiro ato, porém só na quinta cena. Ela surge ao receber a carta do marido, carta essa que narra a aparição das bruxas e a premonição feita por elas: Macbeth iria se tornar rei. Após o conhecimento do fato decide imediatamente partir para a ação. Aparece então a caracterização da personagem feita por ela mesma, aquilo que está translúcido nesta: a sua vontade férrea de tornar-se rainha. Esta mesma vontade leva-a a mostrar-se invencível. Ultrapassando a fragilidade inerente à espécie humana, ela demonstra-se inumana, uma mulher-homem que renega o seu ser colocando a sua vida a serviço de um único objetivo: a obtenção da coroa escocesa. Esta tomada de posição leva-nos a analisar os conceitos da época Renascentista relativamente ao que se entendia por ser homem, que aglutinava ideais de coragem, racionalidade, determinação e força, em contraponto ao que se considerava ser mulher: frágil, sentimental, submissa e medrosa, assim Lady Macbeth se distancia da figura feminina e caracteriza-se como o homem da época:

LADY MACBETH- Estava, então, ébria a esperança na qual te revestira? Curou-se da embriaguez no sono desde então, e desperta agora, tão verde e pálido diante do que te dispunhas a empreender de tão bom grado? Deste momento em diante assim explico teu amor? Teme mostrar-te na realidade, por feitos e coragem, o mesmo homem que desejas ser? Almejas conseguir a coroa que consideras o ornamento da vida, mas viver como covarde em tua autoestima, deixando o “não ousar” subjugar-se ao “quero”, como o pobre gato do provérbio? (SHAKESPEARE, 2013, p. 35)

A personagem começa então a dar pistas sobre sua personalidade, que tem a ambição como ponto de partida. Corajosa e destemida, lady Macbeth usa a argumentatividade para conseguir convencer o esposo do ato cruel que precisa ser feito para conseguir a coroa. O provérbio mencionado (em latim) é *Catus amat pisces, sed non vult tingere plantas*, que tem como tradução: O gato queria comer o peixe, mas não queria molhar os pés. Isso implica dizer que alguém precisará sujar as mãos para que a ambicionada coroa seja obtida (e a busca posterior e incessante de limpar as mãos apresenta-se de forma inesquecível e decisiva nessa peça).

A caracterização da personagem acerca do que ela nos revela também se dá por passagens consideradas de alto valor, em que a personagem revela segredos inconfessáveis ao público. Essa confissão se dá de três formas: o confidente, o aparte e o monólogo; na obra shakespereana analisada em questão, podemos observar uma vertente do monólogo, uma vez que o solilóquio de lady Macbeth é colocado em um de seus devaneios. Ela está aparentemente sonâmbula e não sabe que outras personagens a ouvem, já que não há consciência do que faz. As personagens da Dama de Companhia e do Médico ouvem os devaneios de lady Macbeth. Assim a verdade aparece, as fraquezas da personagem impulsionam a contação de verdades que durante muito tempo ficaram ocultas ao outras personagens na peça, o inconfessável vem à tona. A confissão não se dá por desespero, mas em um de seus devaneios. Ela, delirante, expõe todo o crime diante de seus “confidentes”, aparece então, uma vertente do monólogo, uma vez que ele é observado por duas personagens, além do espectador. A culpa é que norteia os diálogos imaginários de lady Macbeth:

(Entra Lady Macbeth, com uma vela.)

DAMA DE COMPANHIA – Olhe! Aí vem ela! É sua rotina habitual, e, por minha vida, ferrada no sono. Observai-a; aproximai-vos mais.

O MÉDICO - Onde conseguiu essa luz?

DAMA DE COMPANHIA - Ora, estava perto dela; Ordena que deixemos sempre luz perto de si.

O MÉDICO - Vê, tem os olhos bem abertos.

DAMA DE COMPANHIA - Sim, mas a visão fechada.

O MÉDICO - Que faz agora? Vê como ela esfrega as mãos.

DAMA DE COMPANHIA - Habitou-se a fazer esse gesto. Parece que ela quer lavar as mãos. Eu a vi fazê-lo sem parar durante um quarto de hora.

LADY MACBETH - Aqui ainda tem uma mancha.

O MEDICO – Ouve, ela fala! Vou anotar o que ela disser, para assegurar melhor a lembrança.

LADY MACBETH - Sai, mancha maldita! Sai, é uma ordem! Um... dois...ora, já é tempo de fazê-lo; O inferno é sombrio... Que vergonha meu marido, que vergonha! Um soldado, e com medo? Por que precisamos ter medo de que saibam, quando ninguém poderá exigir que se prestem contas ao

nosso poder absoluto? Mas quem poderia imaginar que o velho tinha tanto sangue dentro de si?  
 O MÉDICO (*À dama de companhia*) - Ouvistes o que ela disse?  
 (SHAKESPEARE, 2013, p. 108-109)

No segundo viés da caracterização da personagem segundo os manuais de *playwriting*, “livro que (re) estabelece alguns conceitos fundamentais, entre eles, aquele que talvez venha a ser o mais importante de todos, o da unidade em função do clímax.” (GUIMARÃES, 2014, p. 38), está a edificação da personagem acerca do que ela faz. Lady Macbeth arquiteta a ação do regicídio; assim, ela dá ordens e lidera a ação. É imprescindível notar que os verbos da fala da personagem, nesse momento, encontram-se no imperativo, ressaltando ainda mais a ideia de domínio sobre o esposo. É possível perceber também que as falas de lady Macbeth são dotadas de questionamentos, todos esses feitos com o objetivo de incitar o esposo a concordar com ela:

LADY MACBETH - Quem era esse que assim gritava? Por que meu valoroso barão, enfraquece tua nobre força, ao pensarem em tudo de maneira tão transtornada? *Vai* pegar um pouco de água e *lava* as mãos para te livrares desse imundo testemunho. Por que trouxeste esses punhais de onde estavam? Devem ficar lá. *Leva-os* de volta e mancha de sangue os sonolentos criados de quarto.

MACBETH – Não, lá não torno a voltar. Temo só de pensar no que fiz; não vou aguentar mais uma vez olhar.

LADY MACBETH – És fraco de determinação! *Dá-me* as armas. Os adormecidos e os mortos não passam de imagens; apenas o olhar da infância teme um diabo pintado. Se Duncan ainda sangrar, ornarei o rosto de seus próprios serventes, porque isso os fará parecerem culpados.  
 (SHAKESPEARE, 2013, p. 45 – grifos nossos)

O conflito entre as personalidades de Macbeth e sua esposa é colocado de forma direta e consequente. A ambição pela coroa escocesa é algo que incita os dois, porém num primeiro momento a hesitação de Macbeth em cometer o crime é algo evidente. Ainda mais sobressaltada fica a vontade exacerbada de lady Macbeth em conseguir a coroa escocesa, não demonstrando a princípio qualquer arrependimento.

O choque entre as duas maneiras distintas de pensar e a forma como o protagonista e a coprotagonista agem dá contorno ao conflito. O fato da falta de coragem de Macbeth ser exaltada só se dá pelo exagero de segurança de sua esposa. Assim fica evidente um jogo contrastante entre os dois. É visível o medo de Macbeth e

o desejo intragável de lady Macbeth, que não enxerga obstáculos para conseguir o que deseja.

MACBETH- Não podemos levar esse plano adiante. Duncan acaba de cobrir-me de honras, que me renderam opiniões douradas de todo tipo de pessoa. Desejo desfrutar essas distinções por mais algum tempo e não rejeitá-las tão depressa.

LADY MACBETH- Estava, então, ébria a esperança na qual te revestira? Curou-se da embriaguez no sono desde então, e desperta agora, tão verde e pálido diante do que te dispunhas a empreender de tão bom grado? Deste momento em diante assim explico teu amor? Teme mostrar-te na realidade, por feitos e coragem, o mesmo homem que desejas ser? Almejas conseguir a coroa que consideras o ornamento da vida, mas viver como covarde em tua autoestima, deixando o “não ousar” subjugar-se ao “quero”, como o pobre gato do provérbio?

MACBETH- Rogo-te paz. Ouso fazer tudo que seja digno de um homem; quem ousa fazer mais não o é. (SHAKESPEARE, 2013, p. 35-36)

Por fim para a construção da personagem observa-se o que os outros dizem a seu respeito, isso porque, como já foi exposto, há três diferentes formas de caracterizar a personagem do teatro. A percepção de como a personagem é enxergada vale muito para construção de lady Macbeth. O autor é expulso da cena; assim a personagem obriga-se a se manter íntegra em seu papel, mas não impede que a caracterização desta seja feita pelos demais personagens presentes no enredo. Os diálogos entre personagens costumam servir como o roteiro da apresentação da personagem, uma vez que o público toma suas decisões acerca das personalidades representadas, a partir deles.

Em um monólogo, lady Macbeth se apresenta ao público, mostra seu lado ambicioso e sombrio, enaltece a maldade e exalta sua vontade de realizar o desejo que a move, deixa bem claro ao público sua personalidade, ao preferir a coroa escocesa a um filho, ao invocar espíritos da noite e ao solicitar crueldade a eles, ao desejar de forma exagerada, sem impor limites a si, o desejo de ser rainha:

LADY MACBETH- [...] Vinde, espíritos que ouvis pensamentos mortais, retirai-me já as qualidades femininas e enchei-me até a borda, da cabeça aos pés, com as mais terríveis crueldades! Espessai-me o sangue, impede o acesso e passagem ao remorso. Que sentimentos de culpa não abalem meu letal propósito, nem deem trégua à sua execução. Trocai-me o leite por fel, ministros do assassinato, em qualquer parte que estejais, onde vossas substâncias invisíveis acompanham o crime humano! (SHAKESPEARE, 2013, p. 31)

A partir da apresentação de lady Macbeth, o público toma conhecimento de sua personalidade, faz-se então o julgamento da ambiciosa rainha. O espectador observa as ambições e desejos da personagem, começa então a tomar forma o ser humano então representado por Shakespeare. Lady Macbeth possui personalidade própria e manipuladora. Assim, Shakespeare sugere que a mulher pode ser tão ambiciosa e cruel quanto o homem, e a exposição disto encontra-se diante dos olhos do espectador, que ao observar as ambições, a argumentatividade e a coragem da personagem, que compõe o que viria a ser comum na representação masculina, para a época, observa um aspecto psicológico forte, cruel e decidido da personagem que se apresenta e que articula todo os desfecho da tragédia.

Os diálogos também representam uma das maneiras mais reais dessa caracterização da personagem, uma vez que diante de um diálogo entre personagens é possível identificar e perceber a forma de agir e pensar das personagens em análise.

É preciso que haja a interpretação dos diálogos, pois estes são capazes de moldar as personagens, e é por essa ótica, de dar relevo aos fenômenos da interação discursiva, porque a partir disto que avaliamos essa interação como meio de expressão de pensamentos e emoções das personagens, uma troca de informações e emoções, ou de transmissão de informações ao leitor/espectador, e ainda como uma atividade que tem o poder de criar relações, transformar comportamentos e modificar efetivamente uma situação. A partir desse pressuposto analisamos os diálogos de lady Macbeth e seu esposo, ao falarem sobre o assassinato do rei que acabara de acontecer:

MACBETH- Um gritou: “Deus nos abençoes!” E o outro respondeu “amém”, como se me houvessem visto com estas mãos de carrasco. Ao escutar o medo deles, não consegui dizer “amém”, quando eles rogaram: “Deus nos abençoe!”.

LADY MACBETH- Não penses nisso com tanta profundidade.

MACBETH- Mas por que não consegui dizer “amém?”. Sentia extrema necessidade de graça divina, e o amém travou em minha garganta.

LADY MACBETH- Não devemos pensar em nossas ações dessa maneira, pois se o fizermos isso nos enlouquecerá.

MACBETH- Julguei ouvir uma voz gritar: “Não durmas mais! Macbeth assassinou o sono [...]” (SHAKESPEARE, 2013, p. 44)

Lady Macbeth insufla o coração do esposo a cometer o regicídio e a não pensar em tal ato com tanta veemência. Ela influencia o herói trágico a realizar a ação funesta que desencadeia a trama e aparece inicialmente na peça como refúgio da coragem, destemida e aparentemente sem sentimentos. Ela demonstra em suas falas frieza e

crueldade, e tenta atribuir tais características ao esposo, que inicialmente se encontra avesso às vontades da esposa.

É possível perceber então que a totalidade do texto teatral está praticamente centrada nas personagens, uma vez que nada acontece senão através delas. Toda a apresentação da obra, a representação do mal, ou do bem, do trágico ou do cômico se dão através das personagens que se caracterizam por suas ações, registradas através dos diálogos ou solilóquios, por exemplo. As didascálias, o conjunto de instruções ou indicações que os autores colocam como orientação, são de grande valia também: através delas é possível perceber onde as ações acontecem, e o que os atores fazem para que haja compreensão do texto teatral. Elas situam o espectador, direcionando o caminho que as ações devem percorrer e como as personagens se comportam durante a interpretação do texto teatral.

### **3.1 A articulação da trama na tragédia: a função de lady Macbeth**

Lady Macbeth, considerada por muitos como coprotagonista, que vivencia momentos como personagem principal, é quem articula toda a tragédia. É ela que incita o esposo a cometer crimes, e com pulso firme o conduz a se tornar um homem forte e sem escrúpulos.

A influência de lady Macbeth sobre o esposo deve ser reconhecida e tida como força mestre que conduz aos atos criminosos que compõe o texto shakespereano. Ela recebe a notícia da previsão feita pelas bruxas, com muita exaltação, e com um entusiasmo notável, apoia o marido e o incita, quando este pensa em fraquejar, a cometer crimes, pois estes renderão a nobreza escocesa.

Em algumas passagens do texto é perceptível a inversão de gênero que acontece entre o protagonista, Macbeth, e a coprotagonista, lady Macbeth. Embora, seja notável que os dois compactuam de características semelhantes, já que ambos têm um temperamento altivo e soberbo, e em algumas passagens se mostram arrogantes. Entretanto, lady Macbeth se mostra mais forte, suas decisões são inabaláveis, consegue a princípio manter-se equilibrada e com habilidade para distinguir emoção e razão, ainda que no final da peça tenha seu declínio, quando já não mais suporta a culpa e enlouquece.

Para Bárbara Heliodora “lady Macbeth é um complemento de Macbeth, a parte negativa da sua ambivalência” (In: KAVESKI, 2011, p. 321). Essa extensão do protagonista em sua esposa equivale a uma outra consciência, externa a ele, mas que possui força para manipulá-lo e o convencer, a partir de sua argumentatividade, a cometer o regicídio contra Duncan. Ela, personagem feminina, embora se reconheça a todo instante a caracterização masculina em lady Macbeth, é a responsável pelo clímax da peça. Todavia, a tragédia leva o nome de seu esposo, sendo também necessário notar que a coprotagonista da peça é identificada pelo nome de Macbeth, associando a junção também existente entre os dois personagens.

A solidez existente entre Macbeth e sua esposa, ocasionada pela sua parceria no crime, parece fortalecer a ligação que eles têm um com o outro. Eles se complementam, ela tem uma função específica: a distribuição de força na peça. É ela quem age por criar toda a situação, que articula o mal que lhe trará o bem desejado. Macbeth é impulsionado pela esposa, já que ela consegue despertar a ambição que ele detém.

“[...] Shakespeare pode também ter dado a ela uma outra parte de Macbeth, ambos se complementando, e a parte que fica para esta senhora não é simplesmente o da Eva que oferece a maçã em forma de punhal ao Adão Macbeth. Lady Macbeth é, sem dúvida, uma personagem poderosa, a força que cria a ação trágica da peça...” (ALVES, 2004)

A apresentação de lady Macbeth nesta peça parece supor a ideia de que as mulheres podem ser astutas e persuasivas ao usar métodos, supostamente masculinos, para alcançar o que desejam. A figura feminina é representada a partir do pressuposto da igualdade: elas podem ser tão ambiciosas e cruéis como os homens, ainda que constrangimentos sociais possam negar-lhes, de certa forma, os meios para perseguir essas ambições por conta própria, já que Shakespeare apresenta lady Macbeth forte e persuasiva para conseguir o objetivo proposto, e coloca em seu final um declínio vital visível, já que a força por ela demonstrada ao longo de seu discurso, dá lugar aos seus devaneios e sua fraqueza, que culminam com a loucura da personagem.

A agressão das personagens femininas é mais marcante, justamente por ir contra as expectativas prevaletentes, sobretudo no período em que a peça é retratada, de como as mulheres devem se comportar, e as características que estas devem possuir por convenção. Seja por causa das limitações de sua sociedade, ou porque ela não é corajosa o suficiente para matar, Shakespeare faz com que a personagem Lady Macbeth se baseie

em enganação e manipulação, em vez de violência para alcançar seus fins. A personagem não pratica atos criminosos, ela incita o marido, não usa as próprias mãos para assassinar o rei, por achá-lo semelhante a seu pai: “LADY MACBETH- [...] Se Duncan não parecesse tanto com meu pai enquanto dormia, eu mesma teria o matado.” (SHAKESPEARE, 2013, p. 43)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Absorvendo que as temáticas abordadas nas obras de William Shakespeare são ricas e podem ser entendidas e analisadas por vários vieses, não entendemos que exista conclusão nesta pesquisa. Apresentam-se apenas algumas considerações de como a construção da figura feminina é realizada pelo autor da tragédia *Macbeth*. Tentamos resgatar como a mulher era tratada na antiguidade e na era elisabetana para, assim, poder apresentar um pano de fundo para este trabalho.

A caracterização da figura feminina, na tragédia em apreço, é muito bem elaborada, sobretudo, com a presença de uma inversão de valores, muito bem colocada. Lady Macbeth, ao menos no início da trama, não caracteriza-se por ser “frágil”, porém torna-se “fraca” ao tirar a própria vida por não suportar o ato hediondo de planejar com Macbeth o assassinado de Duncan. Ela não consegue livrar-se da imagem do sangue em suas mãos. É claro que, para Shakespeare, ela foi essencial para convencer Macbeth a assassinar Duncan e a usurpar o trono. O estudo acerca da figura feminina em Shakespeare é de extrema importância. Espera-se que, com esse breve trabalho, possamos oferecer aos pesquisadores que explorarão esse mesmo assunto mais uma referência.

A tragédia *Macbeth*, mesmo tendo sido escrita há muito tempo, é bastante aceita e estudada no universo contemporâneo, já que a ambição não é algo estático à evolução do homem: ela o acompanha desde muito tempo.

O drama por Shakespeare escrito compreende bem o ser humano que se fascina, vislumbra seus desejos, não se satisfaz com o pouco, busca sempre mais, até conseguir alcançar os objetivos por ele traçados, além da necessidade da permanência daquele objeto que tanto se buscou, por entender que as metas mais difíceis de cumprir são as que precisam ser eternas. É caso de Macbeth, que depois de conseguir se tornar rei, continua com a sede de poder e fere a todos que se colocarem em seu caminho.

Lady Macbeth, a personagem em estudo, carrega mais fortemente o sentimento da ambição, já que desde sua aparição, ao ler a carta do marido, se projeta uma mulher que foge ao tradicionalismo da época. Encontra-se na personagem uma personalidade manipuladora, que não mede esforços para conseguir o que deseja. Ela manuseia Macbeth; argumenta; e em certas passagens o manipula, pois coloca o sentimento do marido como barganha, para que este com ela concorde.

A persuasão de lady Macbeth a eleva e a destrói. O desejo compulsivo da personagem a domina, ela não mais enxerga obstáculos que a façam regredir daquilo que determinou como objetivo para sua vida. A construção de lady Macbeth se dá de forma crescente, mesmo que desonesta. Ela ascende, com seu plano do regicídio, apresenta-se cruel, manipuladora e persuasiva, porém consegue atingir seu ápice, torna-se rainha da Escócia. A ascendência de lady Macbeth trilhou caminhos pífidos, dolorosos e cruéis, mas sua decadência acontece de forma rápida: ela planeja, ordena a execução, ascende, enlouquece e suicida-se em apenas sete dias, tempo cronológico em que acontece a trama.

Após a pesquisa comunicada neste trabalho, é perceptível que a persuasão de lady Macbeth interfere de forma direta para o desfecho da tragédia. Macbeth encontra-se com as bruxas que lhe fazem a previsão de um futuro reinado, todavia ele não compreende essa informação como a obrigatoriedade do presente, tampouco com a necessidade da morte de Duncan por ele executada. É lady Macbeth que interpreta o oráculo das bruxas dessa forma e o conduz ao erro trágico. Já na leitura da carta os desejos da esposa de Macbeth começam a tomar forma. É possível começar a enxergar na leitura da carta o caráter da personagem, que já apresenta traços diferentes do que se espera.

Lady Macbeth é coprotagonista, a obra carrega o nome de seu esposo, mas ela desencadeia as ações da tragédia. É ela quem convence Macbeth do regicídio, ela quem o tranquiliza e conduz as ações; toma para si as responsabilidades da figura masculina, de acordo com o contexto histórico da tragédia; no assassinato de Banquo ela incentiva Macbeth, tentando transparecer tal ato normal e necessário; é como se ela desse o aval para o crime do marido. Ela encaminha as ações do esposo. Seu poder de persuasão dá início ao conflito da obra e ela deve ser entendida como a personagem que articula a tragédia.

Concluimos, então que a hipótese defendida: a da influência da persuasão de lady Macbeth e seu domínio sobre seu esposo, deve ser considerada. O que devemos levar em conta é que toda análise de uma obra é um exercício especulativo que parte de um suporte teórico, e que nenhuma versão é definitiva, estando sujeita a revisões, reavaliações e possíveis mudanças de direção.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Syntia Pereira. *Uma mulher no poder: Lady Macbeth*. In: Núcleo de estudos em arte, mídia e política – NEAMP-PUC-SP, 2004. Disponível em: [http://www.pucsp.br/neamp/artigos/artigo\\_19.html](http://www.pucsp.br/neamp/artigos/artigo_19.html), acesso em 24/03/2016.
- ARISTÓTELES. *A poética de Aristóteles*. São Paulo: Editora Nova Cultura Ltda, 2000.
- BEZERRA, João C. O oráculo dobrado em Macbeth: presente/futuro, história/sobrenatural. *Revista Eletrônica Questão de Crítica*. Rio de Janeiro-RJ, v. XIII, n. 64, maio de 2015.
- BLOOM, Harold. *Shakespeare: a invenção do humano*. Tradução de J.R. O’Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.
- CAMATI, Anna Stegth. Questões de gênero e sexualidade na época e obra de Shakespeare. *Revista Eletrônica Scripta Uniandrade*. Curitiba-PR, v.12, n. 2, jul. -dez. 2014.
- FILHO, Rubem R. *A personagem dramática*. Rio de Janeiro: INACEN, 1986.
- GUIMARÃES, Roberto L. Duarte. *Primeiro traço: Manual descomplicado de roteiro*. Salvador: EDUFBA, 2009
- KAVESKI, Aline T. de Quadros. Lady Macbeth: ambição e loucura. In: *Revista Eletrônica da Uniletras*. Ponta Grossa-PR, v. 33, n. 2, p. 319-328, jul.- dez. 2011.
- LIMA, Denise M. de Oliveira. Sobre o sentimento de culpa. Que culpa é essa? In: *Revista Eletrônica Estudos de psicanálise*. Belo Horizonte- MG, n 38, p. 53-38, dez. 2012.
- LUNA. Sandra. *A tragédia no teatro do tempo: das origens clássicas ao drama moderno*. João Pessoa: Idéia, 2008.
- MAGALDI, Sábato. *Iniciação ao teatro*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003.

PRADO, Décio de A. A personagem no teatro. In: CANDIDO, Antônio. *A personagem de ficção*. 13 ed. São Paulo: Perspectiva, 2014. Pág. 81-101.

ROUBINE, Jean- Jaques. *Introdução as grandes teorias do teatro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

SHAKESPEARE, William. *Macbeth*. Tradução de Alda Porto. São Paulo: Martin Claret, 2013.

SOARES, Silnei Scarten. A representação: dois momentos da reflexão Barthesiana. In: *Portal Revista UCB*. Foz do Iguaçu, v. 16, n. 1, p. 20-29, jan.-jun. 2014.

SZONDI. Peter. *Teoria do drama moderno (1880-1950)* Tradução: Luiz Sérgio Repa. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2001.